



UFV

INFORMA

EDITADO PELA IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
VIÇOSA - MINAS GERAIS - BRASIL

Ano 10

Quarta-feira, 1.º de novembro de 1978

N.º 553

A morte é mistério insondável

O mistério da morte é insondável, pelo menos para nós mortais. O que nos espera depois da morte? Uns acham que nada: morreu — essa morte física — acabou-se. Mas, existem muitos que acreditam em outra vida, depois da morte material: a volta do espírito, que é imortal, ao Todo.

É verdade que a humanidade evoluiu. A tecnologia trouxe um avanço — e também problemas graves que hoje afetam o mundo inteiro. Mas o mistério da morte continua impenetrável e, com frequência, vemos nos jornais ou vemos na televisão parapsicólogos e estudiosos tentando explicar a morte.

Existem muitos casos de pessoas tidas como mortas, clinicamente, que «voltaram» à vida, e contaram histórias incríveis. Uma delas, por exemplo, contou que se sentiu viajando pelo espaço, numa velocidade fantástica, penetrando por um túnel, no qual se vislumbrava, no que seria o fim do túnel, uma luz.

De repente, sentiu que alguma coisa mais forte a puxava para trás e, com a mesma velocidade em que viajava pelo espaço, voltou. Enquanto voltava, afligia-se com a preocupação de ter deixado o corpo na cama, correndo o risco de perdê-lo, ao ser necropsiado pelo médico, mas chegou a tempo e, mais tarde, relatava essa experiência.

Por que temos medo da morte? A morte não seria um prêmio? Devemos encará-la com medo ou com tranqüilidade? Estas são perguntas que cabe a cada um, individualmente, responder. Amanhã é o Dia dos Mortos, Finados. Um dia propício para reflexões. Um dia em que devemos nos lembrar mais ainda dos nossos mortos, com respeito.



O Salão Nello Nuno foi aberto, sexta-feira passada, no saguão do Departamento de Engenharia Florestal da UFV (Página 4).

UFV no Simpósio de Apicultura

Quatro professores de apicultura da Universidade Federal de Viçosa (UFV) — Mauro Roberto de Oliveira, Alfredo Goicochea Huertas, Dejour Message e Lúcio Antônio de Oliveira — participaram do Simpósio Internacional de Apimondia sobre Apicultura em Clima Quente, realizado na cidade de Florianópolis-SC, juntamente com representantes de 20 países.

Dos quatro professores da UFV, três apresentaram trabalhos no Simpósio, na Assembléia Legislativa, cuja mesa redonda foi constituída por autoridades ligadas à Secretaria da Agricultura de Santa Catarina, Ministério da Agricultura, Prefeitura, Apimondia, Confederação Brasileira de Apicultura e Comissão de Biologia Apícola da Apimondia.

Os trabalhos

Os trabalhos apresentados pelos professores da UFV: o de Lúcio foi sobre «alguns efeitos do tratamento de abelhas com hormônio juvenil e seus análogos»; o de Dejour, «efeito de diferentes condições ambientais no comportamento higiênico, em abelhas «Apis mellifera» (africanizadas). Mauro apresentou dois trabalhos: «migração de espermatozoides para a espermateca e competição de subespécies de «Apis mellifera» e «situação atual da apicultura no Estado

de Minas Gerais».

Segundo o presidente da Confederação Brasileira de Apicultores, Helmuth Wisse, responsável pela realização do Simpósio, o seu objetivo foi de «reunir os apicultores, técnicos e cientistas de várias nacionalidades, para que todas as experiências e descobertas no campo fossem permutadas». Disse ainda que a apicultura brasileira retornou à sua fase de produção, com cerca de 15 mil toneladas de mel, por ano, mas há necessidade de um trabalho mais organizado.

A Rússia, os Estados Unidos e a China disputam, alternadamente, a posição de maiores produtores mundiais e, segundo o presidente da Confederação, «o Brasil, se desenvolver uma produção programada, poderá, nos próximos anos, estar incluído entre os que controlam o mercado internacional».

— Eu demonstro a importância da abelha na polinização das maçãs, com experiências que realizamos em pomares catarinenses. Todos os produtores estão utilizando as abelhas no reflorestamento de Fraiburgo. Com isto, o valor das abelhas é mais reconhecido, atualmente, na produção de sementes, do que como fabricantes naturais de mel. Aliás, 80 por cento das plantas necessitam das abelhas para a polinização — Helmuth Wisse.

Encontro sobre cultura barroca

Onze especialistas em arte barroca participaram, na Universidade Federal de Viçosa (UFV), do «Encontro Universitário sobre a Cultura Barroca Mineira», realizado de 25 a 28 de outubro, sob o patrocínio da Fundação Nacional de Arte e do Ministério da Educação e Cultura. A promoção foi da Assessoria de Assuntos Culturais da UFV e os especialistas convidados se reuniram no Centro de Ensino de Extensão.

Os participantes são: Jair Inácio, restaurador, representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Moacir Laterza, esteticista, da Universidade Federal de Minas Gerais; José Maria Neves, musicólogo, do Conservatório Brasileiro de Música; Zaira Cordeiro, professora de História,

da Escola Guignard; Lytton Leite Guimarães, sociólogo, da Universidade de Brasília; Roberto A. Herbert Gusmão, historiador, da Fundação João Pinheiro; Tarquínio J.B. de Oliveira, historiador; Edgard de Vasconcelos Barros, sociólogo, da UFV; Cônego José Geraldo Vidigal de Carvalho, historiador, representante da cidade de Mariana; Flávio Silva, músico da Funarte; e Juracy de Souza Barros, historiadora, da UFV.

Segundo Benito Taranto, da Assessoria de Assuntos Culturais, «desta maneira, a UFV contribuiu para divulgar e esclarecer muitas questões sobre este período importante da história brasileira, em que Minas oferece uma verdadeira lição humanística e colabora para a criação do autêntico espírito nacional».

O período de pré-matrícula

O período de pré-matrícula começou no dia 31 de outubro e terminará no dia 13 deste mês. A informação, dirigida aos professores e alunos da Universidade Federal de Viçosa (UFV), foi prestada pelo Conselho de Graduação e o Registro Escolar. Para tanto, os alunos deverão procurar seus respectivos orientadores. Faltam 12 dias para o encerramento do prazo.

O que os estudantes do Rondon estão fazendo no «ca



Um passeio de lancha para conhecer a beleza do Xingu.

Blém-blém-blém. O comandante da lancha Vitória-Régia bate o sino chamando a atenção para a partida. São 8h30m e, nas margens do Xingu, enquanto as mulheres lavam roupas, os homens retiram das canoas a areia que trouxeram das praias do rio, a quilômetros de distância. O vento traz o cheiro forte de peixe, e gaivotas mergulham nas águas.

— Nessa época de praias, as gaivotas aparecem — diz um homem ao outro, enquanto sai do rio, depois do banho matinal.

A lancha vai-se afastando da margem do rio, abrindo caminho nas águas. Na distância, as casas da cidade — a maioria em estilo colonial — vão diminuindo de tamanho e em pouco tempo o panorama é todo de água e mata. Adiante, a ilha de Arapujá, dividida em fazendas, recanto dos jacarés.

— A noite — explica Alfredo, diretor-adjunto do «campus» avançado de Altamira — aquilo lá fica iluminado pela luz vermelha dos olhos dos jacarés.

Alfredo ama o Xingu. Barba crescida, pele bronzeada pelo sol forte, ele está em Altamira, há seis anos, e, conforme diz, «só sairei daqui depois de morto». Na verdade, qualquer pessoa se apaixona, a primeira vista, pelo Xingu. Misterioso como o mar, o rio guarda um universo de peixes, dos quais o tucunaré, também chamado de peixe rei da Amazônia, é o mais procurado, pelo sabor requintado de sua carne.

Conhecer a Amazônia, o seu povo, os índios, os seus costumes e as lendas que correm de boca em boca, parece ser o sonho de muita gente. O pium, «o que come a pele», segundo os índios, versão dos nossos pernilongos, apesar de ser uma realidade, integra a legião de lendas que envolve a Amazônia e, em especial, Altamira.

Assim, a primeira coisa que o visitante começa a conhecer na cidade, por ouvir dizer, é sobre o pium. Não há provas definitivas de que o pium transmita alguma doença grave, mas sua picada deixa sempre inchaço e coceiras. Ele ataca normalmente, no período das chuvas, desaparecendo na seca.

A influência do «campus» avançado da Universidade Federal de Viçosa nes-

se cenário, onde a natureza, ainda hostil, predomina, é evidente em todos os seto-

res da vida de Altamira. Periodicamente, o «campus» recebe estagiários do Projeto Rondon, que executam os vários programas elaborados, dentro dos seus objetivos.

Agora, por exemplo, estão em Altamira cinco moças da UFV e cinco rapazes das Faculdades Integradas de Uberaba. Os estagiários trabalham oito horas por dia, cada um dentro da sua área de especialização. Luiz Carlos Pereira, estudante do 8.º período de Odontologia, em Uberaba, cumpre o seu estágio no ambulatório, fazendo extrações de dentes e obturações.

Na sala de espera do ambulatório uma placa diz: «Você está sendo atendido pelo Projeto Rondon». Na primeira semana de traba-

ná-los, na Escola de Medicina de Uberaba, para detectar a existência de Doença de Chagas, em Altamira (exame Machado Guerreiro). O que normalmente se nota nos estudantes do Projeto Rondon é o grande entusiasmo e a vontade de realizar um bom trabalho «dentro do princípio de amor ao próximo».

Na horta

Na tarde anterior ao dia da visita do presidente Ernesto Geisel ao «campus» avançado de Altamira, uma turma de alunos do Grupo Escolar Clemente Geiser recebia, numa horta próxima da sede, ensinamentos de olericultura. Quem lhes orientava era a engenheira agrônoma Rosângela Bevil-



O «campus» avançado dá assistência à Casa da Divina Providência.

lho em Altamira, Luiz Carlos extraiu 185 dentes. «Nós extraímos dentes só em último caso, se não houver jeito de recuperação». Enquanto ele atendia a uma menina, na sala de espera, sentadas num banco, outras aguardavam atendimento.

Francisco Carlos de Brito, Antônio Luiz Freire Nogueira e Dirceu Geraldo da Silva, estudantes do 5.º ano de Medicina, também em Uberaba, trabalham no hospital da cidade, dando assistência a adultos e crianças. Àquela hora da tarde, calor insuportável, Francisco cuidava de uma criança na pediatria, acometida de malária.

Juntamente, com seus colegas, Francisco está colhendo material de pacientes no hospital para exami-

tori. — Pegue a «mão-de-obra» e espalhe a terra pelo canteiro. E você, pulverize o canteiro de couve — Rosângela ia orientando os escolares.

Um detalhe interessante: na horta, couves, alfaces, pimentões, beringelas e outros legumes crescem sem a menor necessidade de adubo químico. E o que é mais importante, muita coisa que se come no «campus» vem da horta, às margens do Xingu, de onde se podem ver, ao longe, as ilhas verdes no meio do rio.

Em Altamira, o calor é úmido. Quem vive na cidade sente o calor, mas não sua tanto quanto o visitante, acostumado com temperaturas mais baixas. O que o pessoal do «campus» avan-



A cidade de Altamira vista sob outro ângulo.



Estagiária do Rondon entrevistando produtor da região.

gado observa, sempre que chega uma leva de estagiários do Projeto Rondon, é o tanto de banho que eles tomam, até se acostumarem com a temperatura. A clássica exclamação, «mas que calor»! é uma constante em Altamira. Mas, em compensação, o Xingu está bem perto, convidando para um mergulho.

Obra social

A prelazia do Xingu mantém a Casa da Divina Providência, destinada a receber gestantes no último período de gravidez, aquelas que, por serem colonas e morarem nas fazendas, não têm lugar na cidade onde ficar. O «campus» avançado, através do Projeto Rondon, é que orienta a Casa da Divina Providência.

Economistas domésticas, como a estudante da UFV Lídia Tonita, dão às gestantes orientações sobre higiene, puericultura, ali-

mentação e convivência em grupos. Os estagiários de Medicina e Odontologia também atuam na Casa da Divina Providência, dando assistência às gestantes.

As estagiárias do Projeto Rondon estão fazendo, atualmente, entrevistas com produtores da região de Altamira sobre o interesse deles de participarem da cooperativa já existente no município e da Cooperativa de Laticínios, que está sendo planejada pela Universidade Federal de Viçosa, através do «campus» avançado.

Os estagiários do Projeto Rondon chegaram a Altamira no princípio do mês de outubro e, como deveriam ficar na cidade um mês, já devem estar de volta: os da UFV para Viçosa, e os da FIUB para Uberaba. Uma coisa é certa: a grande experiência que adquiriram, sem contar o privilégio de conhecer a Amazônia.



O diretor do «campus», Carlos Alberto Freire, ao lado do reitor da UFV.

Rápidas

Coral

O coral da UFV esteve na cidade de Ipatinga, a convite do Colégio São Francisco Xavier, por ocasião da abertura da Semana da Cultura, quando fez uma boa apresentação na cidade. Sábado passado, o coral participou, em Mariana, do I Encontro Mineiro de Corais, promoção do MEC, através da Fundação Mo-
bral.

Encontro

Foi realizado em Belo Horizonte, de 16 a 20 de outubro, o II Encontro de Pró-Reitores, quando se discutiram problemas ligados aos restaurantes universitários. Representaram a Universidade Federal de Viçosa (UFV), na promoção, que é uma iniciativa do DAE-MEC, o pró-reitor de Assuntos Comunitários, Hélio Gonçalves Moreira e a professora Nilza Maria Pinto Fontes, chefe do Serviço de Alimentação.

Construção

Será aberto no dia 26, nas dependências do Bahia Othon Palace e Salvador Praia Hotel (Salvador-BA), o XI Congresso Interamericano da Indústria da Construção, promoção da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) e Federação Interamericana da Indústria da Construção (FIIC). O congresso será encerrado no dia 29.

Comemoração

De 20 a 30 de outubro, a diretoria da Companhia Agrícola de Minas Gerais — Camig, comemorou o 20º aniversário de sua fundação, com festividades em oito cidades do Estado: João Pinheiro, Paracatu, Uberlândia, Araxá, Belo Horizonte, Divinópolis, Contagem e Matozinhos. As festividades foram encerradas com coquetel no Clube dos Oficiais da Polícia Militar, em Belo Horizonte.

Energia

De dez a 14 de dezembro, no Hotel Nacional, Rio de Janeiro, será realizado o I Congresso Brasileiro de Energia, promoção do Clube de Engenharia e patrocínio do CNPq, Eletrobrás, Nuclebrás e Petrobrás. Os trabalhos deverão ser enviados para: Programa de Engenharia Mecânica — Coppe/UFRJ — Caixa Postal 1191, Rio de Janeiro.

Conferências

Será nos dias 23 e 24 deste mês, o Ciclo de Conferências do Círculo de Engenharia Militar sobre Transportes e Mobilização, organizado pelo Círculo de Engenharia Militar, patrocinado pelo Estado Maior das Forças Armadas — EMFA. Será na Escola de Guerra Naval, na avenida Pasteur, 480 — Praia Vermelha, no Rio de Janeiro.

Corrida I

A -I Volta do «Campus» da UFV, promoção do Conselho de Extensão, Departamento de Educação, Física e Liga Universitária Viçosense de Esportes (LUVE), foi realizada e dela participaram 83 atletas, dos quais, quatro do sexo feminino. O percurso foi de 6.800 metros. O tiro de partida foi dado pelo pró-reitor de Assuntos Comunitários, Hélio Gonçalves Moreira.

Corrida II

Na categoria de «universitário masculino», o primeiro lugar ficou com Pedro Brandão. Maria de Fátima O. Bispo ganhou o primeiro lugar na categoria «universitária feminina». Na categoria «não universitário masculino», José Francisco Vieira ficou em primeiro lugar e na categoria «não universitária feminina», Maria Elizabeth Jorge, José Nilson de Mello ficou em primeiro lugar na categoria «acima de 35 anos».

Salão Nello Nuno, homenagem da UFV à memória do artista



A irmã e a mãe de Nello Nuno, presenças especiais no salão.

Com a apresentação do quarteto de metais da Universidade Federal de Viçosa e uma exposição de artistas de Juiz de Fora, foi aberto, dia 26, no saguão do Departamento de Engenharia Florestal da UFV, o III Salão Nello Nuno, promoção da Assessoria de Assuntos Culturais. Entre os muitos convidados, duas presenças especiais: a mãe de Nello Nuno, Udalga de Moura Rangel, e a irmã dele, Eliana Rangel Sampaio.

Três pintores, entre os 80 inscritos no Salão — Humberto Guimarães, Jorge de Almeida e Roberto Márcio Moreno — tiveram seus trabalhos escolhidos pelo júri, e cada um ganhou um prêmio de dez mil cruzeiros. A pintora Ana Amélia Camargos ficou com o prêmio especial Udalga de Moura Rangel. O salão ficará aberto até o dia 15 de

novembro.

Finalidade

Criado em 1976, o Salão Nello Nuno tem por finalidade «reunir estudantes de diversas regiões de Minas, quer de cursos de artes, cursos técnicos ou de outras áreas». Justificativa: «Oferecer, a todos os estudantes, estímulo para uma produção criativa, sobretudo, dinamizar o intercâmbio de informações sobre estilos, técnicas e idéias artísticas, o que é salutar para o progresso da arte».

Nello Nuno era o segundo dos sete filhos de Udalga, que o define assim: «Desde criança era autêntico. Menino bom, amoroso e engraçado. Mesmo adulto, Nello era dos filhos mais amorosos que tenho. Suas tendências para a pintura surgiram

entre três e quatro anos. Desenhava no chão, nas paredes e seu primeiro trabalho propriamente dito foi uma jibóia, cobra que o pai dele tinha, para alegria da criançada.

Udalga também pinta e, se existe alguém culpado pelo fato de Nello Nuno ter se tornado artista e abandonado a idéia incutida pelos pais de cursar arquitetura, este é a mãe dele. Nello sempre dizia: «A senhora abriu para mim um mundo novo». Ele tinha 18 anos quando tentou o vestibular. Havia estudado muito e, depois das provas, chegou a casa, dizendo: «Não consegui, mãe; deu-me um branco na cabeça».

Udalga sabia que o «branco na cabeça» era apenas uma invenção do filho que, na verdade, queria mesmo é ser pintor. Desde então Nello Nuno ficou livre para fazer o que bem quisesse. «Ele via a pintura como uma necessidade física, como ter sede ou fome; gostava de transmitir a sua arte, era professor nato».

Nello nunca pintou coisa alguma de encomenda. Sua mãe lembra que um dia lhe pediu «uma Ouro Preto amarela» e, então, ele disse: «Se um dia eu pintar Ouro Preto em amarelo, dou-lhe de presente, porque só pinto o que sinto». Segundo Udalga, quando o seu filho não gostava de um trabalho que acabava de fazer, «jogava-o fora, e começava tudo de novo».

A morte

— Nello tinha um carinho todo especial pela FAOP. Lá ele se realizava como pintor, e passava horas ensinando pintura a excepcionais. Tinha um coração grande e vivia ajudando a todos, principalmente aos pobres.

A sua morte pegou todo mundo de surpresa. Morreu de «meningite aguda».

Por muitas vezes ele disse à Ana, sua mulher: «Quando eu morrer, quero ser enterrado no cemitério da Igreja de São José, em Ouro Preto. Morreu, e só no Cemitério da Colina, em Belo Horizonte, é que Ana se lembrou do pedido do marido e o contou a Udalga. Na mesma hora, o enterro foi transferido para Ouro Preto e o desejo de Nello satisfeito.

Mensagem

Esta é a mensagem dos membros do júri do III Salão Nello Nuno, formado por Márcio Sampaio, Celma Alvim, Maria Lúcia Simonini e Roberto Vieira: «A regularidade de sua realização e o interesse que vem despertando entre os jovens artistas e o público que visita a exposição decorrente, atestam a importância que a promoção está assumindo no panorama cultural de Minas, justificando plenamente o esforço da UFV e o trabalho desenvolvido pela sua Assessoria de Assuntos Culturais, que coordena o evento.

«A premiação visou ressaltar os trabalhos que, em melhor nível de realização, expressam essa sensibilidade, a inquietação e a vitalidade que caracterizam a criação gráfica em Minas. O êxito do III Salão torna, assim, mais expressiva a homenagem que a UFV presta à memória do grande artista viçosense, Nello Nuno.»

Um parêntese: segunda-feira, a partir das 18h, estarão expostos, no saguão do Departamento de Engenharia Florestal, os quadros selecionados no III Salão Nello Nuno.

Reitor da UFSC fez a abertura do 3.º ENGRAF em Florianópolis



O reitor Caspar Erich presidiu a abertura do 3.º ENGRAF.

Com a presença de representantes de quase todas as universidades e escolas isoladas do País, realizou-se em Florianópolis, Santa Catarina, o 3.º Encontro Nacional de Diretores de Gráficas Universitárias — 3.º ENGRAF, promoção da Imprensa Universitária da Universidade Federal de Santa Catari-

na (UFSC).

Aberto pelo reitor da UFSC, professor Caspar Erich Stemmer, o Encontro constou de palestras e debates sobre diversos assuntos de interesse das Imprensas, Editoras e Gráficas Universitárias. O 1.º ENGRAF foi realizado na Universidade Federal de Santa Maria, em Santa Maria,



As novas instalações da Imprensa Universitária da UFSC, inauguradas no primeiro dia do Encontro.

Rio Grande do Sul, e o 2.º, na Universidade Federal de Viçosa.

Na UFSC, além da colaboração de todos os setores da Universidade, atuaram mais diretamente no Encontro os professores Vitor Meyer Júnior, Coordenador de Planejamento; João Roberto Dutra, Assessor para Assuntos de Modernização Ad-

ministrativa, e Luiz Henrique Bezerra da Trindade, Diretor da Imprensa Universitária.

Representando a UFV, participaram do Encontro o jornalista Antônio José de Araújo, diretor da Imprensa Universitária, e o engenheiro-agrônomo José Gouveia da Silva, Coordenador Editorial.